

O brincar na clínica com crianças:

as metáforas da construção e do sepultamento

Adela Stoppel de Gueller

Atento às metáforas arqueológicas caras a Freud, o psicanalista pode servir-se do *brincar* como possibilitador do recalçamento. Isto permitirá a certas crianças estruturarem um inconsciente e uma neurose.

Fala-se corriqueiramente da psicanálise como de uma teoria e de uma terapêutica que se ocupa das profundezas da alma; faz-se a comparação do inconsciente com o que está no fundo, oculto, enterrado. Paralelamente, pensa-se a terapia como um trabalho de escavação, de mergulho nestas profundezas, cujo objetivo é trazer à luz aquilo que até ali se encontrava nas trevas. Que mitos se expressam nestas sentenças e de que alicerces da obra freudiana eles vão ao encontro?

Sabe-se que Freud foi um sujeito fascinado pela arqueologia e que nunca ocultou sua paixão por este

domínio do saber. Todo aquele que entrou no seu consultório viu sua prezada coleção de estatuetas antiqüíssimas que hoje giram pelo mundo em exposições. Também é verdade que ele utilizou conhecimentos arqueológicos para descrever os processos psíquicos, mas encontrou limites nestas aproximações. Supondo que há alguma correlação entre o inconsciente e estas alusões às profundezas, ao que está oculto e soter-

Adela Stoppel de Gueller é psicanalista, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora do curso de especialização em Teoria Psicanalítica na PUC-COGAE, professora do Curso de Psicanálise de Crianças no Instituto Sedes Sapientiae, supervisora na Universidade Paulista (UNIP).

rado, e conhecendo o interesse de Freud pela arqueologia, perguntamo-nos em que medida esta mitologia sobre a psicanálise decorre do impacto que a arqueologia teve sobre a concepção de sujeito psíquico que Freud construiu. Em que medida ela se ajusta à concepção de psiquismo que Freud propõe?

Diga-se, de passagem, que questões análogas poderiam ser colocadas em relação a outros modelos utilizados por Freud, como os da termodinâmica, os da química ou os da biologia. Mas interessa-nos falar das metáforas arqueológicas porque elas destacam o papel decisivo da história como fator fundamental na constituição do psiquismo. E se se trata de destacar o lugar da história, o que nos interessará especialmente será analisar qual modelo de história, isto é, qual ou quais concepções de temporalidade estão articuladas nos diferentes exemplos arqueológicos que Freud utilizou¹.

Vejamus um exemplo destas analogias. No texto *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*² (1907), Freud traça uma analogia entre o recalque psíquico e o sepultamento de Pompéia pelas lavas incandescentes do Vesúvio. Pompéia lhe oferece a oportunidade de equiparar o recalque com o sepultamento da cidade e o retorno do recalque com a exumação. “Na verdade não existe melhor analogia para a repressão – que preserva e ao mesmo tempo torna algo inacessível na mente – do que o sepultamento (*Verschüttung*), como o que vitimou Pompéia e do qual a cidade só pôde ressurgir pelo trabalho do enxadão”³.

Aqui aparece a idéia da conservação intacta, integral e inalterável do passado que foi possível pela instantaneidade do enterramento. Pompéia, cidade petrificada. O recalque tem então, por analogia, também o estatuto do coagulado e, neste sentido, do não passado do passado, do que o tempo não conseguiu des-

truir. Assim, a idéia não é só a de conservação, mas a de conservação integral. Esta analogia poderia levar-nos a pensar no inconsciente como um lugar de presença, no sentido forte e metafísico que este termo comporta. Porém, um ano mais tarde, respondendo a uma pergunta do Homem dos Ratos sobre a eficácia curativa da comunicação do seu sentimento de culpabilidade, Freud diz que Pompéia “arruinou-se” (*Zugrunde gehen*) depois de descoberta, depois da exumação. O que significa esta afirmação?

A conservação
imutável
que caracteriza o
inconsciente
só é preservada pelo
sepultamento. A
exumação implica
que Pompéia
se transforme
em ruínas.

Freud explica a seu paciente uma das diferenças psicológicas entre o consciente e o inconsciente: toda coisa consciente está sujeita a um processo de desgaste, ao passo que aquilo que é inconscien-

te é relativamente imutável; e ilustra seus comentários indicando que as antiguidades que se encontravam ao redor, em sua sala, eram objetos achados num túmulo, e que o enterramento deles tinha sido o meio de sua preservação⁴.

É interessante observar aqui o que Freud pontua: a conservação imutável que caracteriza o inconsciente só é preservada pelo sepultamento. A exumação, equivalente à descoberta do conteúdo ignorado (*unbekannt*), implica que Pompéia se transforme em ruínas. Assim, se a conservação integral jaz sob as lavas do vulcão, ela nunca foi, é ou será plenamente presente. O enxadão não penetra na lava sem causar estragos. Ele destrói a completude e a integridade de Pompéia. Talvez devêssemos falar aqui de uma segunda morte que implica a perda que se opera no resgate de Pompéia. Seu equivalente seria o que acontece com o traço mnêmico quando é tocado pela palavra. Em ambos os casos trata-se de restos não completáveis, não re-integráveis, salvo por construção. Construção e destruição não são então simples opostos mas um par indissociável. Não há construção sem que algo fique destruído, assim como é na destruição que se faz a construção. A lógica totalizante da presença deve ser substituída por uma outra, na qual o que se produz, o excedente, tem como correlato que algo fique a menos. O que fica impossibilitado pela própria estrutura do raciocínio é a integridade.

Num outro texto, “O sepultamento do Complexo de Édipo” (1924), Freud dá outra perspectiva à metáfora arqueológica. Embora não remeta diretamente a nenhuma metáfora explícita desta ordem, a menção ao *sepultamento*⁵ do complexo central das neuroses pode ser situada na mesma linha de raciocínio. “O Complexo de Édipo revela sua importância como fenômeno central do período sexual da primeira infância. Após isso, se efetua seu

sepultamento, ele sucumbe ao recalçamento⁶, como dizemos, e é seguido pelo período de latência. Ainda não se tornou claro, contudo, o que é que ocasiona sua destruição. As análises parecem demonstrar que é a experiência de desapontamentos penosos. (...) Assim, o Complexo de Édipo se encaminharia para a destruição por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna⁷.

Neste caso não se trata do estatuto ontológico do recalçado, mas de seu estatuto deontológico, já que Freud destaca o que é necessário sepultar, o que cai sepultado. O raciocínio deste texto segue o lineamento do dever-devir, de transformações que, por motivos de ordem cultural/social/histórica ou por motivos de ordem fisiológica/maturationa/biológica não podem deixar de se produzir. A ênfase está dada pelo caráter de imperativo que esta operação tem. Talvez por este motivo Freud tenha insistido em várias oportunidades em que o retardo em dois tempos da vida sexual humana fosse a condição eficaz da possibilidade da neurose. O corte entre o antes e o depois deve, portanto, se produzir.

E um pouco mais adiante, nesse mesmo texto de 1924, Freud diz: "Não vejo razão para negar o nome de recalçamento ao estranhamento do ego diante do Complexo de Édipo, embora recalçamentos posteriores ocorram a maioria das vezes com a participação do superego que, nesse caso, está apenas sendo formado. O processo que descrevemos é, porém, mais que um recalçamento. Equivale, se for idealmente levado a cabo, a uma destruição e abolição do complexo"⁸.

O termo *destruição* volta a comparecer com o sepultamento do complexo de Édipo que é um momento de transformação radical, um acontecimento decisivo para o psiquismo pelo seu valor constituinte. Trata-se de outra perspectiva temporal, porém, há um denomina-

dor comum com o enfoque anterior que pode ser seguido pela trilha do termo destruição, assinalando não a continuidade mas a ruptura entre o antes e o depois. Trata-se de indicar o que, a partir de então, terá valor pelo que já não é. É, por-

pa de crianças com sérios empecilhos para constituir a sua neurose infantil, neurose que resulta desse trabalho de destruição e sepultamento do Complexo de Édipo.

A clínica nos traz freqüentes ocasiões nas quais o trabalho de

A eficácia determinante
do sepultamento do Complexo de
Édipo subverte o princípio segundo o qual
o mais antigo, o mais
profundo, é ao mesmo o
de maior peso
determinante sobre a configuração final.

tanto, a linearidade temporal que se vê aqui questionada, já que se trata do reordenamento *a posteriori* que este acontecimento psíquico terá sobre tudo aquilo que lhe é anterior. Além disso, a eficácia determinante do sepultamento do Complexo de Édipo subverte o princípio segundo o qual o mais antigo, o mais profundo, é ao mesmo tempo o de maior peso determinante sobre a configuração final.

As metáforas arqueológicas na clínica com crianças

Seguindo essa trilha freudiana, interessa-nos pensar agora como as metáforas arqueológicas podem nos ajudar a abordar o brincar na clínica com crianças assim como quais os limites dessas aproximações, especialmente, na clínica que se ocu-

sepultamento que o recalçamento opera no psiquismo não se produz, e as crianças se encontram com um montante importante de angústia que as deixa em sérias dificuldades para organizar sua neurose. Elas não conseguem, então, estruturar algo ao modo do Pequeno Hans, ou seja, um sintoma, e apresentam inibições e impasses ao seu desenvolvimento dos mais diversos tipos, como dificuldades motoras, atrasos de fala e hiperatividade.

O trabalho realizado com elas poderia ser pensado como antípoda ao trabalho analítico clássico já que se trata de fazer operar o recalçamento, isto é, de sepultar mais do que de escavar. Trata-se de ajudar a fazer cair aquilo que devia ter sido destruído mas não o foi. Ou, nos termos da segunda tópica freudiana, de transformar as cargas de objeto em identificações, para que possam se constituir o eu e o super eu.

Não se trataria de trabalhar com o retorno do recalçado, justamente porque, por não se ter instaurado uma divisão nítida entre as instâncias, não é possível ainda que algo possa se disfarçar para reaparecer como formação de compromisso. O trabalho po-

no mesmo sentido que Freud lhe dá em "Construções em análise" (1937), já que ali ambos os termos são quase equivalentes: a construção é um substituto da reconstrução que permite recuperar elementos históricos não lembráveis, neste sentido similar ao que

Certo dia, no lugar de repetir
o mesmo procedimento,
peguei um objeto qualquer e comecei
a fazer de
conta que falava com a babá
da minha paciente.

de consistir em tornar possível a constituição de um sintoma, já que este permite uma reorganização da economia psíquica, conseguindo uma via de descarga para a pulsão que já é resultado do disfarce e não ameaça, então, o psiquismo por inteiro.

Em linhas mais gerais, trata-se de abrir caminhos que permitam afastar a pulsão dos objetos interpolando representações, de esticar as cadeias associativas, de ampliar as séries simbólicas, de fazer possível a tradução e é por este motivo que com elas brincamos. Poderíamos dizer então que o trabalho é basicamente de construção, e não de reconstrução. Mas construção, não exatamente

o arqueólogo realiza. A construção, no texto de 1937, é reconstrução do passado, isto é, supõe uma construção que um dia existiu. No trabalho com estas crianças trata-se, em maior medida, da construção do prédio, do levantamento do muro e não da sua restauração ou reconstrução, ou seja, trata-se de fazer possível a estruturação do psiquismo o que implica a instauração de barreiras que farão necessário um trabalho de tradução ou transposição, por ser esse trabalho o que põe o desejo em movimento. É que somente havendo barreiras – os pilares antigos, na analogia de Freud – pode-se pensar num prédio que poderá vir a ser sepultado, demolido.

Brincando de casinha

Depois de trabalhar bastante com uma criança que mal falava e que se movimentava muito precariamente, adoecendo com frequência, surpreendi-me ao ver que, já conseguindo organizar uma brincadeira de casinha antes impensável, ela introduziu ali uns pedaços de madeira que fazia participar como meninos junto a outros bonequinhos de pano. Certo tempo se passou até que me dei conta, de repente, de que aqueles pedaços de madeira eram criados-mudos. Ela tinha construído uma metáfora, uma tradução, que podia dizer da sua história, do lugar que tinha ocupado na dinâmica familiar, e da sua dificuldade de fala.

Comecei a pensar, então: qual era a pré-história do pedaço de madeira/criado-mudo? E lembrei de uma situação na qual se produziu uma intersecção entre a história familiar da menina e a da sua análise: no início dos nossos encontros ela subia precariamente as escadas de mãos dadas comigo e, pouco depois de iniciada a sessão, começava a chamar e berrar por sua babá/criada que a esperava embaixo. Depois de fazê-la subir algumas vezes propus que falássemos com ela por telefone. Por sua dificuldade de fala, mal se podia fazer entender por este meio, mas escutar a babá a tranquilizava um pouco. Certo dia, no lugar de repetir o mesmo procedimento, peguei um objeto qualquer e comecei a fazer de conta que falava com sua babá. A menina, primeiro surpresa, começou depois a sorrir, e então aquilo virou uma brincadeira que ela começou a pedir que eu repetisse. Pois bem, aquele objeto qualquer tinha sido o criado-mudo da casinha de brinquedos.

A construção da metáfora do criado-mudo-menino só foi realizada por ela meses depois e veio consolidar o que agora poderíamos

denominar a separação e o sepultamento da criada e da muda. Os criados-mudos que protagonizavam a cena do brincar eram agora meninos que brincavam de escolinha.

Como entender qual foi o trabalho realizado? O que lhe foi oferecido? Não só um conteúdo ou a possibilidade de simbolização. Foi muito mais a estrutura do “façamos de conta” do que um significado ou um significante específico. O “façamos de conta” do brincar conseguiu fazer com que ela visse que até através de um criado-mudo se podia falar.

Podemos dizer, então, que a introdução simbólica – situada pelo “façamos de conta” – de um objeto imaginário (criado-mudo) foi uma condição de possibilidade para que a criança-objeto-real pudesse tornar-se sujeito de um discurso. Apropriando-se da linguagem como ferramenta, ela toma o objeto como um representante que a representa, e o coloca, agora ela mesma, numa cena de ficção. O significante, como os tijolos de um prédio, pode começar então a construir uma série que permite o surgimento do sujeito por instaurar uma certa distância – a distância ou a espessura que o simbólico e o imaginário criam –, sepultando o que agora pode ser situado como real. O mesmo ato de produção da metáfora que diz a seu respeito possibilita que ela deixe de encarnar o lugar de objeto, isto é, que possa perder algo do seu ser, para se fazer dizer. A operação contém, portanto, um aspecto de destruição e um outro de construção que se produzem simultaneamente.

Faltava-lhe, pois, poder se apropriar dos símbolos, de representações de representações, que, uma vez oferecidos no marco da transferência, puderam ser deslocados e condensados numa formação de compromisso singular. O criado-mudo veio a calhar como um significante que podia representar a menina na sua história. Mas quan-

do ele se torna um dizer e pode ser articulado numa trama sepulta, simultaneamente, a criança muda do passado. A criada-muda real é soterrada e seu representante já é um menino que consegue brincar numa cena ficcional. Pode-se pensar, então, numa construção que conta com um tijolo de madeira e que indica que os pilares começaram a ser construídos.

que eles recordaram não foi o evento que era o tema da construção, mas pormenores relativos a esse tema. (...) A pulsão emergente do recalcado, colocada em atividade pela apresentação da construção, se esforçou por conduzir os importantes traços de memória para a consciência; uma resistência, porém, alcançou êxito – não, é verdade, em deter esse movimento –,

Faltava a esta criança, pois, poder se apropriar de símbolos e de representações, que, uma vez oferecidos no marco da transferência, puderam ser deslocados numa formação de compromisso singular.

Freud afirmava, no texto de 1937: “o caminho que parte da construção do analista deveria terminar na recordação do paciente, mas nem sempre ele conduz tão longe. Com bastante frequência não conseguimos fazer o paciente recordar o que foi recalcado. Em vez disso, se a análise é corretamente efetuada, produzimos nele uma convicção segura da verdade da construção, a qual alcança o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança recapturada. (...) em certas análises, a comunicação de uma construção obviamente apropriada evocou nos pacientes um fenômeno surpreendente e, a princípio, incompreensível. Tiveram evocadas recordações vivas – o que eles próprios descreveram como ‘ultraclaras’ –, mas o

mas em deslocá-lo para objetos adjacentes de menor significado (descentrá-lo sobre objetos vizinhos circunstanciais)”⁹.

Freud está se referindo ao que em outro momento, em 1898, denominou *lembranças encobridoras*. O termo lembrança encobridora (*Deckerinnerung*) “foi cunhado por Freud a partir do verbo *decken*, intimamente associado a três outros verbos: *bedecken* (encobrir), *verhuelten* (ocultar) e *schuetzen* (proteger)”¹⁰.

Pois bem, se uma lembrança encobridora serve como comprovação de que a construção anda pelo caminho certo, se também a construção pode resgatar algo da verdade pela isca da falsidade¹¹, não é por que estas condições, mais do

que desvios ou meras aproximações, são substanciais? Encobrir, ocultar e proteger podem ser consideradas então três funções essenciais do recalçamento, assim como de seu retorno numa formação de compromisso singular.

No caso de nossa menina e das crianças em geral, o trabalho de construção não levou ao surgimento de lembranças, nem à aparição de lembranças encobridoras. Sabe-se que é infreqüente e escasso este tipo de material com as crianças. Quais poderiam ser equivalentes? A construção de novos títulos que formem uma trama com o anterior. Daquele trabalho podemos comentar que, aos poucos,

de tudo e a menina se dizia ao brincar.

Podemos extrair daqui vários tópicos importantes:

- se os disfarces, os deslocamentos e as condensações produzem o inconsciente, não podemos falar em inconsciente a céu aberto;
- assim como Freud aponta no texto de 1937, esta produção não se faz de uma vez, mas vai se fazendo a cada vez. Cada nova peça é uma formação do inconsciente singular na qual o sujeito se faz representar;
- cada nova peça conta com a anterior, com a qual vai constituindo uma trama que dá suporte fantasmático ao sujeito;

em parte é realizada com seus pais. A alternância entre a construção e a continuação do trabalho associativo encontra-se, assim, mediada pela alternância no trabalho com a criança e o trabalho com seus pais. ■

NOTAS

- 1 A análise de outros exemplos arqueológicos como os de Roma ou Tróia pode ser encontrada no capítulo dois da tese de doutoramento "As metáforas arqueológicas e seus limites" p. 59-109 in A. Stoppel de Gueller, *Sobre a (a)temporalidade. Os paradoxos do tempo no pensamento freudiano e sua incidência nos processos de constituição psíquica*. PUC-SP, 2001.
- 2 Para a elaboração do trabalho usei a edição argentina de Amorrortu Editores da obra de Freud. Posteriormente, na edição do texto, foram mudadas as citações, seguindo-se a versão em português da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (S.E.), Rio de Janeiro, Imago, 1996. Contudo, ao encontrar diferenças significativas entre as traduções, optei por introduzir algumas modificações na tradução oficial em português, caso contrário seria impossível acompanhar o raciocínio elaborado a partir da versão originalmente utilizada. Nos casos importantes, foram cotejadas ambas as versões com o texto original em alemão para se escolher o melhor termo. Nesta tarefa, contei com a valiosa colaboração de Vera Bloom.
- 3 S. Freud, *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, 1907, in *Obras Completas, op. cit.*, v. IX, p.44.
- 4 S. Freud, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909, in *Obras Completas, op. cit.*, v. X, p. 157.
- 5 S. Freud, "O sepultamento do Complexo de Édipo", 1924, in *Obras Completas, op. cit.*, v. XIX, p. 182. A tradução brasileira (S.E.) do título deste artigo é *A dissolução do Complexo de Édipo*. O termo dissolução remete a outro tipo de metáfora, ligada à química. Como nossa análise baseia-se no uso da metáfora arqueológica implícita no termo "sepultamento", usaremos como título *O sepultamento do Complexo de Édipo*, seguindo a indicação de Amorrortu. Faremos, pois, nas citações que seguem, a mesma substituição.
- 6 A S.E. usa "sucumbe à regressão"; substituímos "regressão" por "recalçamento", seguindo a versão de Amorrortu. Supomos ali um erro de tradução, e não simplesmente uma escolha diferente de termos.
- 7 S. Freud, *ibid.*, v. XIX, p. 193. Freud refere-se a desilusões tais como a de ter um irmão, que trazem como consequência a perda de amor e cuidados da mãe e o sentimento de que a mãe não é de exclusiva propriedade da criança. Também, a continuada denegação do filho desejado determina a perda das esperanças.
- 8 Freud, *ibid.*, v. XIX, p. 196-7.
- 9 Freud, *Construções em análise*, 1937, in *Obras Completas, op. cit.*, v. XXIII, p. 284-5.
- 10 O. Gabbi Jr., "Memória e desejo" in *Filosofia da psicanálise*, São Paulo, Ed. brasiliense. 1991, p. 175.
- 11 "[...] freqüentemente ficamos com a impressão de que tomando de empréstimo as palavras de Polônio, nossa isca de falsidade fagou uma carpa da verdade" Freud *Construções em análise*, 1937, in *Obras Completas, op. cit.*, v. XXIII, p. 280.

A cena ia se povoando; em
outros termos,
ia se constituindo como
uma Outra Cena absolutamente singular,
à medida que o
recalçamento começava a operar.

novos significantes foram sendo incorporados: o pai, ora representado pela geladeira, ora pelo fogão, a mãe, que era o apagador de lousa. A cena ia se povoando; em outros termos, ia se constituindo como uma Outra Cena absolutamente singular, à medida que o recalçamento começava a operar. Ao mesmo tempo a angústia deixava de tomar conta

• cada nova peça é produto de um trabalho de sepultamento e construção simultâneos que fazem possível que algo novo se possa dizer, mas para isto algo precisa ficar sepultado;

Concluindo, podemos então dizer que, no trabalho com crianças a tarefa de construção é mais importante que a de escavação, que